



Do II DN veio esta casinha, sob a guarda de um terreiro de Umbanda, para a Rainha das Águas

Festa de Iemanjá une o profano e o sagrado

Flores, perfumes, cores vivas, predominância do branco, foguetório, muita gente aplaudindo e curtindo também a parte profana, marcaram, na tarde de ontem, a tradicional entrega de presentes a Iemanjá, dentro da festa de largo do Rio Vermelho. Centenas de pessoas, desde cedo, depositaram seus presentes nos 112 baiaços arrumados no interior de um cercado, que posteriormente foram levados em embarcações até alto-mar, onde todas as oferendas foram entregues à Rainha das Águas. Uma festa indiscutivelmente bonita, que este ano contou com a participação do mais famoso afoxé baiano, o Filhos de Gandhi, representado no ato por algumas dezenas de figurantes.

O maior presente, (em termos de dimensão, pelo menos) oferecido a Iemanjá, partiu do II Distrito Naval. Foi um palácio azul e branco, de dois metros de altura por dois de comprimento, entregue às águas por Mãe Lêa e seus adeptos do Centro Espírita de Umbanda Ogum Estrela. O palácio, cumprindo uma tradição de todos os anos, foi levado por terra até o II Distrito Naval e de lá saiu numa escuna até o Rio Vermelho, onde seguiu as outras embarcações e finalmente foi entregue à Rainha do Mar. O presidente do centro, Carlos Teixeira, orientou os marinheiros que escoltavam a mãe-de-santo.

COMERCIO DE FLORES

Junto ao cercado que continha os baiaços onde eram depositados os presentes dos populares, rapidamente um comércio de flores se instalou. Os vendedores aproveitaram a ocasião para explorar, por duas flores, seja qual fosse o tipo, era cobrado o preço de Cz\$10,00. Dentro do cercado, muito batuque e distribuição de água-de-

cheiro, com algumas ialorixás recebendo santo e dando passes superdisputados pela multidão que se aglutinou em volta do local dos preceitos. O presente oficial dos pescadores, segundo se informava no cercado, era aquele que estava bem a vista de todos: um grande bolo, com a imagem de Iemanjá ao lado.

A ialorixá Maria José dos Santos, da casa de Joãozinho da Gomeia (Terreiro de Ogum), não embarcou para levar os presentes até alto-mar, mas dançou bastante antes de partir o cortejo marítimo. Ela valorizou bastante a festa, afirmando que "Iemanjá é a rainha das águas e, hoje, toda a riqueza passa pelo mar. Desde a antiguidade que as pessoas faziam homenagem para as águas. Trata-se de uma festa pelo encanto do mar". Também prestigiou o evento e concordou com Maria José a ialorixá Maria Francisca Bispo dos Santos, da casa de Maria José Fraga (Terreiro de Obaluáé). "Minha digna é Ajijomã e eu sou filha de Oxalá", complementou ela, enfatizando a importância da festa de entrega de presentes a Iemanjá.

PARTE PROFANA

Se havia muita gente interessada na parte religiosa da festa, era a parte profana que reunia a maior parte dos participantes do evento, milhares de foliões. Aliás, um trio-elétrico animou os profanos, assim como carros de som do deputado estadual Cristóvão Ferreira. De ponta a ponta, o Rio Vermelho cantava e pulava as músicas em ritmo carnavalesco.

As barracas de comida e bebida estavam todas lotadas, apesar de os comerciantes estarem praticando preços extorsivos: a cerveja custava ao consumidor Cz\$25,00 (ela está tabelada em Cz\$15,00), enquanto o refrigerante era

vendido por Cz\$5,00 ou Cz\$6,00. Tira gostos de peixes ou carangueijos não custavam menos do que Cz\$30,00. "Pelo jeito que as coisas vão, dá para perceber que, quando o Carnaval chegar, a cerveja vai estar custando Cz\$50,00. Estão roubando o povo nessa fase de desmoralização das autoridades do governo e, infelizmente, ninguém fiscaliza", queixou-se o folião Roberto Bahia.

A cerveja não chegou a faltar nas barracas, pelo menos no turno da tarde, mas parece ter chegado tarde àqueles pontos de venda, porque não estava gelada. Mas mesmo assim foi bastante consumida. "A cerveja não está no ponto", disse Bahia, "mas dá para ir tomando. Aliás, desde que eu me entendo como gente que em toda festa de largo é vendida cerveja quente. É melhor do que nada".

Mas não foram apenas os comerciantes das barracas que capricharam no preço. Também as baianas-de-acarajé. Em todos os tabuleiros verificados, o menor preço era do acarajé ou abará simples, Cz\$15,00. Com camarão, vatapá, salada e outros complementos chegava até Cz\$25,00. Mesmo com toda carestia, não havia tabuleiro que ficasse cheio por muito tempo, pois o povo, não obstante os tempos difíceis da economia brasileira, consumiu bastante.

MUITOS FOGOS

As 17 horas, aproximadamente, as embarcações partiram com os presentes para o alto-mar, debaixo do espôlar de foguetes Adrianinos e outros fogos de artifício. Mesmo depois desse ritual, a festa continuou nas ruas. O povo comeu, bebeu, cantou e dançou de noite e entrando pela madrugada. Com as bênçãos de Iemanjá.